



Divulgação das ações do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta



GENTE QUE FAZ O PROJETO

Apoio às atividades museológicas e de Turismo de Base Comunitária

PÁGINA 4



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Museologia Social: Os Patrimônios como Formas de Estar no Mundo

PÁGINA 9



DIÁRIOS DE CAMPO

Museologia Social e Turismo de Base Comunitária

PÁGINA 18

Educação ambiental e Práticas de conservação do solo

PÁGINA 30

Agroecologia e fortalecimento da comercialização da agricultura urbana no RJ

PÁGINA 39

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO





Um olhar para a Museologia Social

No senso comum, pensamos logo em museus como grandes edifícios antigos, cheios de coisas velhas e sem uso atual, onde estamos ali para aprender – e o que está nas vitrines e paredes são as histórias que devemos conhecer, onde é proibido falar, tocar, questionar. Esse modelo de museu tem sido combatido há anos e, apesar de ainda precisar de muitas mudanças, conseguimos alguns avanços.

O movimento conhecido como a Nova Museologia a partir de 1970 trouxe provocações importantes aos museus mais tradicionais, apontando a necessidade de diálogo com o público e outras memórias, outras histórias que não estavam presentes naqueles espaços.

A Museologia Social, fruto desse debate, aprofunda a ideia da função social dos museus – da responsabilidade desses espaços de memória com as comunidades, para a ideia de compromisso com a vida das pessoas. Neste sentido, a Museologia Social é uma proposta de ação que entende o museu e diferentes ações museológicas – de trabalho das memórias e patrimônios –, como ferramentas de uso comunitário e participativo.

Agregando vários campos de conhecimento e práticas, muitas ações podem ser desenvolvidas, considerando sempre que os





museus, no pensamento de hoje, devem ser espaços de transformações sociais, que contribuam para conscientização histórica e para o compromisso com a dignidade de todos os seres humanos.

É preciso, antes de tudo, reconhecer que ações de preservação das memórias locais são realizadas há anos, de diferentes formas, como estratégias identitárias de sobrevivência e resistência, e que hoje nosso trabalho é poder, junto com essas comunidades, mostrar e ensinar a muitas pessoas sobre valores de coletividade, ancestralidade, respeito ao meio ambiente, saberes e tradições locais, visões e versões de mundo, frutos da ocupação histórica e atual de homens e mulheres quilombolas.

É com base nessas reflexões, que temos desenvolvido as ações do nosso projeto. Nesta edição, você conhece um pouco da equipe e das atividades que temos feito para reforçar o olhar e as nossas práticas a partir da museologia social. Também confere as ações do Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias e as atividades realizadas junto com as comunidades agricultoras e quilombolas que vivem, moram e plantam no Maciço da Pedra Branca.

Boa leitura!

Júlia Pereira,

consultora em museologia social.





Apoio às atividades museológicas e de Turismo de Base Comunitária

Alberto Pessoa

Meu nome é Alberto Pessoa, sou professor de Geografia e aluno da pós-graduação em Educação e Divulgação Científica. Sou nascido e criado em Bangu e, desde sempre, tive o maciço da Pedra Branca como referência na minha paisagem. Ouso até em dizer que, é aqui em Bangu que temos a vista mais bonita do maciço (risos!).

Esse carinho pela Pedra Branca me fez chegar até o Projeto Sertão Carioca. Hoje, estou como monitor do Curso de Condutores de Visitantes do Parque Estadual da Pedra Branca, que tem como objetivo capacitar os moradores dos quilombos de Vargem



Grande, Camorim e Dona Bilina para receber e conduzir visitantes dentro do PEPB.

Eu me considero como um facilitador nesse processo, pois atuo como uma ponte entre os alunos, palestrantes, técnicos do PEPB e equipe da AS-PTA. Dou apoio na organização e acompanhamento das atividades semanais, ajudando não só no andamento e disponibilização das videoaulas, mas também no apoio logístico das aulas presenciais.

Julia Wagner Pereira

Sou carioca, filha de Luiz Alberto e Beatriz, morei toda minha infância e adolescência em Jacarepaguá. Sou casada e tenho uma filha. Gosto muito de ler, em especial poesia, gosto de praia, samba, carnaval (as fantasias então!), de viajar e conversar.

Esse prazer pela prosa, por escutar os outros, me levou a trabalhar com histórias e memórias, com o passado e suas questões. Cursei faculdade de História e depois de Museologia, trabalhando em diferentes lugares. Aprendi em minhas experiências a olhar o passado, com as muitas identidades possíveis e suas formas de preservação. Atualmente tenho trabalhado com museus, ações museológicas e pesquisas sobre patrimônios imateriais.



Rosilane Almeida

Sou nascida e criada no Quilombo do Camorim, onde passei toda minha infância, com brincadeiras maravilhosas, que hoje já não se veem mais. Tenho dois filhos, nascidos na mesma maternidade que eu e, mesmo com o crescimento acelerado do Quilombo, nunca deixei de passar para meus filhos tudo que aprendi. Sou Educadora do Núcleo Camorim e vice-presidente da Associação Cultural Quilombo do Camorim – ACUQCA, onde trabalho com o resgate de brincadeiras, plantios e outras práticas ancestrais voltadas para jovens e crianças. Sou também compositora, percussionista e professora de oficinas de jongo e de capoeira. Atualmente sou agente comunitária mobilizadora no projeto Sertão Carioca em parceria com a AS-PTA.



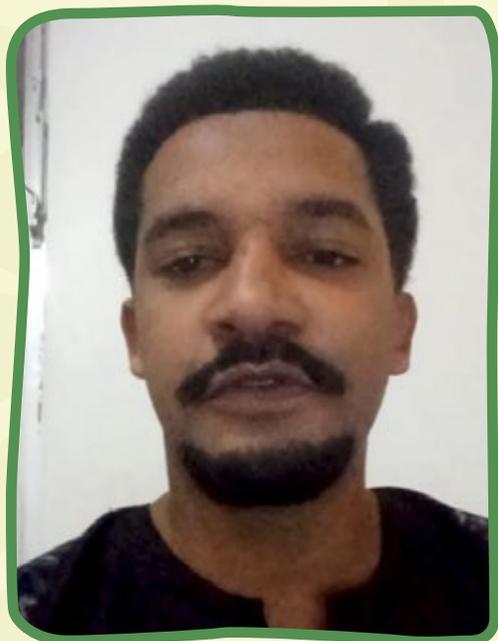
Julio Cesar Dória

Sou pai da Júlia, filho, neto e bisneto de negros e mestiços nordestinos que migraram para o Rio de Janeiro ao longo do século XX. Trabalhei desde os 13 anos como Office Boy, Camelô, Vendedor de Ferramentas e Atendente de Telemarketing até concluir a faculdade de História. Fui criado e sempre morei em Jacarepaguá, especificamente na Comunidade da Merck, tendo posteriormente morado em outros sub-bairros locais como Camorim, Pechincha e nas Vargens.

Nesses territórios trabalhei como coordenador pedagógico do Ponto de Cultura JPA AfroCultural, fui membro da Articulação do Plano Popular das Vargens (APP), e na militância sindical de base no SEPE (Sindicato dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro), além de ser co-fundador da Escola Quilombola Cafundá Astrogilda.

No ambiente universitário, tenho estudado a temática afro-diaspórica com especificidade no processo de abolição da escravidão. Atualmente estou concluindo o Doutorado em História Social pela UFRJ desenvolvendo a tese sobre a formação da Comunidade Quilombola Cafundá Astrogilda.





Raphael Araujo De Oliveira

Sou morador da Mangueira, nascido na Zona Oeste do Rio de Janeiro e pai da Dandara. Tenho licenciatura plena em Pedagogia e hoje estou cursando Pós-Graduação em Coordenação e Administração Escolar. Participei do Curso de Extensão Formação de Professores em Relações Étnicos Raciais e a Lei 10.639 e do Curso de Agente Cultural com Formação de Trabalho com Infância e Juventude (Agência REDES PARA JUVENTUDE). Sou integrante do Ponto de Cultura JPA AFRO CULTURAL, Coordenador da Oficina de Percussão do Bloco Guri da Merck e Secretário Escolar da Rede Privada de Ensino Básico. Atualmente pesquiso sobre aplicação da Lei 10.639 e Museologia.





Nesta edição, confira o texto **Os Patrimônios como Formas de Estar no Mundo** de Júlia Pereira, consultora museológica do projeto.

Museologia Social: Os Patrimônios como Formas de Estar no Mundo

Por Julia Wagner Pereira, historiadora e museóloga, transcrita por Murilo Holanda.

O patrimônio não é apenas algo material e estático, ele representa as nossas formas de estar no mundo. Nossas memórias têm relação íntima com os patrimônios de nossa vida. Algumas palavras-chave surgem quando falamos neste assunto:

pessoas, lugares, relações, objetos pessoais e coletivos, saberes populares, visões de mundo e estórias. Todos estes elementos formam um caldeirão de lembranças que constroem a nossa identidade.

Algumas imagens fazem parte das minhas vivências da infância com os meus familiares. O Farol de São Tomé é uma destas figuras. Nas minhas férias



Farol de São Tomé



Escultura de Santa Ana

de verão, passei muitas aventuras na casa de minha avó materna, localizada em Campos dos Goytacazes. Da casa de minha avó, eu conseguia ver o farol. Vivi muitas das minhas primeiras experiências naquela cidade: o primeiro beijo, a primeira micareta, o primeiro show, entre outras aventuras.

Objetos podem fazer parte do nosso acervo pessoal de patrimônios. Minha avó materna tinha o costume de carregar uma pequena escultura de Sant'Ana para todos os lugares, após o seu falecimento, eu pedi essa imagem que acredito ser bem antiga, de outras gerações na minha família.

Ainda sobre meus antepassados, recordo dos ditados populares que minha avó paterna usava constantemente: “O que arde cura, o que aperta segura!”. Ela sabia todos e muitos ainda perduram na minha memória: “Quem anda com morcego acorda de cabeça para baixo!”. Eu chegava a anotar os ditados para me recordar posteriormente.

Muitos elementos compõem os nossos patrimônios pessoais. A memória é altamente seletiva e a acessamos quando temos uma demanda do presente. Lembramos daquilo que escolhemos

lembrar. Os objetos coletivos têm simbologias que são herdadas coletivamente, como o caso da figura de uma santa.

Nós atribuímos valor a estes objetos. Todos estes elementos juntos formam a nossa identidade de maneira plural. Portanto, patrimônio, memória e identidade são palavras que andam juntas.



Patrimônio

Todos os grupos sociais possuem patrimônios e heranças, assim como suas formas de preservar desde sempre. O desejo por rememorar é antigo.

A origem da palavra patrimônio é longínqua, alguns historiadores afirmam que o termo vem dos gregos, passando pelos latinos, romanos e alemães. O sentido europeu e institucionalizado da palavra foi designado no século XIX durante a Revolução Francesa para designar monumentos históricos, narrativas nacionais, valorização artística e histórica.

No entanto, foi no século XXI que o conceito de patrimônio adquire novas interpretações mais ampliadas, com novos sujeitos, novos temas e novas categorias de valoração. Na contemporaneidade, temos patrimônios indígenas, quilombolas, naturais, entre outras definições mais dinâmicas. A sociedade constrói de maneira ativa o sentido de seus patrimônios.



Gabinetes de curiosidade

eram espaços específicos dedicados ao colecionamento de objetos.

Estes gabinetes de curiosidades tinham algumas peculiaridades. Poderiam ser espaços pertencentes à realeza, em que eram demonstrados o poder de seus impérios por meio de objetos excêntricos como crânios arqueológicos, pedras preciosas ou animais de outras localidades. Outros gabinetes da época tinham um cunho mais científico, em que eram conservadas espécies de animais e plantas para estudo de universidades. Por último, também existiam gabinetes particulares de burgueses, em que os objetos serviam como demonstração do potencial econômico dos mesmos.

O contexto da história europeia explica que estes espaços surgiram com o fim do feudalismo e a ascensão da burguesia. Novas visões de mundo baseadas no antropocentrismo e a descoberta de objetos históricos por meio de grandes escavações



arqueológicas resultaram no aparecimento de locais onde se inicia o processo de reunião de objetos variados.

Os objetos obtidos em expedições marítimas também aumentam o interesse científico pela constituição desses espaços. Expedições, estas, que ocasionaram o uso da violência, a exploração e a aniquilação de povos tradicionais.

A visão contemporânea de patrimônio ainda é bastante herdada da Revolução Francesa. A queda das monarquias europeias ocasionaram no abandono de diversos monumentos reais que remetiam a um passado sombrio e ainda recente.

Existiam castelos, catedrais, obeliscos, cofres e outras riquezas vinculadas à realeza. Os revolucionários mais radicais defendiam a destruição de todos esses objetos que representavam a opressão sobre o povo. No entanto, outros burgueses entendiam que estas riquezas deveriam ser guardadas para lembrar a história. A escolha pela preservação dos grandes monumentos deu início ao conceito de patrimonialização, amparado por legislações específicas. Os objetos da monarquia foram reunidos nos primeiros museus.

Os Museus

Estes novos locais de preservação da memória tinham uma função pedagógica de ensinar o distanciamento daquele passado e que uma nova sociedade estava sendo construída. Assim, é fortalecida a ideia de nação. Os povos passaram a demarcar suas fronteiras físicas de formas mais rigorosas, assim aparecendo os símbolos que os representam. São criadas novas legislações, os idiomas são oficializados, buscando uma unidade cultural das nações em constituição.

No Brasil desta mesma época, surgiam os museus de cunho científico em que eram colecionadas espécies da fauna e da flora. O sistema monárquico ainda era presente e a riqueza do país provinha da natureza exuberante. Durante o século XIX são criados os primeiros museus que buscavam a história do Brasil enquanto nação, aproximando a ideia de patrimônio europeu, entre eles: O Museu Real (1818), O Museu Paranaense (1876) e o Museu Paulista (1894).

O Museu Histórico Nacional, criado em 1922 foi o primeiro a unificar a história do Brasil enquan-



Museu Histórico Nacional

to nação. O acervo contou com uma apresentação da história da colonização portuguesa no Brasil de forma cronológica. Este movimento simbolizou o esforço de preservação de uma história branca, católica, eugenista e ainda reprodutora do cientificismo europeu. Os objetos da realeza eram sinônimos da grandeza histórica da monarquia.

Memória, resistência e movimentos sociais

Para além da história europeia, o mundo conta com as narrativas de muitos outros povos que não foram retratados tão amplamente. Muitos grupos sociais possuem conhecimentos tradicionais, expressos no folclore, na música, na dança, nos conhecimentos sobre saúde popular, nas religiosidades e outras formas de expressão cuja transmissão de conhecimento é feita pela oralidade, passado entre gerações. Muitas destas mesmas sociedades sofreram a exploração e a escravização pelos povos europeus em consequência do imperialismo.

No decorrer do século XX, movimentos sociais globais ocasionam o surgimento da Nova Museologia. O movimento negro nos Estados Unidos (década de 1950), que gerou ondas de protestos em todo o mundo, questionam as narrativas da supremacia europeia. O desejo por novas



representações políticas ocasiona a independência dos países africanos (décadas de 1960 - 1970). O evento organizado pela ONU, que ficou conhecido como a Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) é politicamente ativo ao debater sobre como os museus podem servir como ferramentas de melhoria de vida das pessoas em geral.

No Brasil, o fim da ditadura militar e a nova constituição de 1988 permitem o surgimento de novas vozes e identidades na sociedade. Os movimentos indígenas, os povos quilombolas, o feminismo, o movimento antimanicomial, assim como, os movimentos ambientalistas ganham espaço nas ruas. A nova constituição assume como patrimônio as manifestações da cultura popular e que representam as diversidades da população.

Uma nova onda de museus é aberta no país, abrigo de forma crítica as histórias que não haviam sido contadas, a partir da narrativa dos próprios grupos. O Museu da Maré, inaugurado em 2006, localizado na comunidade de mesmo nome no Rio de Janeiro, é um exemplo da nova museologia.

O movimento da Nova Museologia tem algumas diferenças do conceito do patrimônio tradicional. O objeto não tem o mesmo valor de culto, eles adquirem o reconhecimento popular e formas questionadoras de interpretação. O tempo não é encarado de



Museu da Mãe

forma linear e evolutiva, são apresentados tempos múltiplos e concomitantes. O eurocentrismo dá lugar às sociedades heterogêneas com seus mosaicos de memórias. A principal função desses novos lugares de preservação é o despertar da consciência histórica. O museu torna-se um ambiente de reflexão ativa, de novos olhares e conexões.

A nova mentalidade pautada pelas reivindicações populares oferece o conceito da Museologia Social. Para além dos museus, a memória coletiva é a base das comunidades tradicionais. Os patrimônios em forma de histórias, valores, significados, costumes e muitas outras práticas estão vivos nestes povos remanescentes. Falar dos patrimônios é construir uma ponte com o passado e valorar nossos sentimentos, emoções e formas de estar no mundo, orientando sempre para o futuro.



Museologia Social e Turismo de Base Comunitária

Nosso projeto se pauta pelo conceito da Museologia Social, conceito que tem as comunidades quilombolas como protagonistas da implementação de espaços de fortalecimento, difusão de suas memórias e de seus valores. Por meio de conexões entre pessoas e instituições, temos procurado valorizar os campos de conhecimento, práticas acadêmicas e populares e reconhecer a pluralidade de identidades que compõem esse vasto território que é o Sertão Carioca. Essa perspectiva tem sido fortalecida por estratégias de geração de renda, como a formação de Condutores Ambientais, que visa capacitar a comunidade para conduzir visitantes pelo Parque Estadual da Pedra Branca através de ações de turismo de base comunitária.

O Maciço da Pedra Branca demonstra grande potencial de desenvolvimento de atividades de ecoturismo e de lazer. Atualmente, muitos empreendimentos econômicos desenvolvem atividade na região, porém, nem sempre de maneira sustentável e respeitosa com a comunidade. Tendo em vista a beleza da paisagem, além de seu valor ambiental, cultural, histórico e social, o maciço é um território com muita riqueza e oportunidades.

Para favorecer que a comunidade que mora na região possa se beneficiar dessas atividades, temos apoiado na organização de um acervo histórico-cultural, que busca cumprir papel positivo para complementar os atrativos turísticos já existentes, além de ser fonte para produção de conhecimentos sobre o território e promover o direito à memória das comunidades quilombolas que vivem, moram e plantam na região.

Confere abaixo algumas ações que temos feito.

Exposição Fotográfica: Cotidianos do Quilombo Dona Bilina

A exposição foi realizada através de oficinas de educomunicação com metodologias que valorizam o conhecimento tradicional quilombola, além de promover o encontro de gerações entre a juventude e as griôs do Quilombo Dona Bilina.



Exposição Cotidianos do Quilombo Dona Bilina registrou agricultura, religião e conhecimentos tradicionais.

O candomblé, os remédios do mato, o cuidado coletivo, os agricultores, e a preservação da natureza foram alguns dos temas trazidos nas imagens produzidas pela juventude quilombola que participou da oficina. “Por meio da organização desse acervo de imagens, queremos contribuir para reflexão das comunidades no que tange às suas memórias e suas formas de se relacionar com elas. São olhares do presente, que querem sonhar e projetar as ações do futuro.” destacou Bruna Távora, do Coletivo de Comunicação do Projeto.

Andreia Caires, que fotografou seu pai, o agricultor Manoel disse que se sentiu muito feliz em escolher aquela foto para compor a exposição: “Essa imagem tem um grande significado para mim, meu pai estava em seu sítio capinando como de costume,

conseguimos registrá-lo em um momento de distração. A fotografia revelou o lado de um homem alegre e amigo de todos”. A exposição fotográfica permitiu a reflexão sobre as práticas e a identi-



Andreia Caires escolheu uma foto do seu pai, o agricultor Manoel



Seu Manoel (in memoriam)

dade dos remanescentes quilombolas.

As imagens foram impressas em tamanho 60x60cm e passam a fazer parte do acervo do Quilombo Dona Bilina, podendo apoiar outras atividades de exposição fotográfica e debate memorial da comunidade.

Curso de Condutores Ambientais e Acordo de Cooperação com INEA

Com o objetivo de fortalecer as ações de Turismo de Base Comunitária e Conservação da biodiversidade no Parque Estadual da Pedra Branca, a AS-PTA, através do Projeto Sertão Carioca, firmou um termo de cooperação técnica com o Instituto Estadual do Ambiente (INEA).

O objetivo da cooperação é fomentar e desenvolver atividades relacionadas a práticas de uso e manejo sustentáveis dos recursos naturais associadas à preservação e à recuperação de remanescentes da floresta urbana, com base em tecnologias sociais ecoeficientes de gestão familiar e comunitária.

Também visa estimular atividades econômicas baseadas na valorização e preservação dos bens e



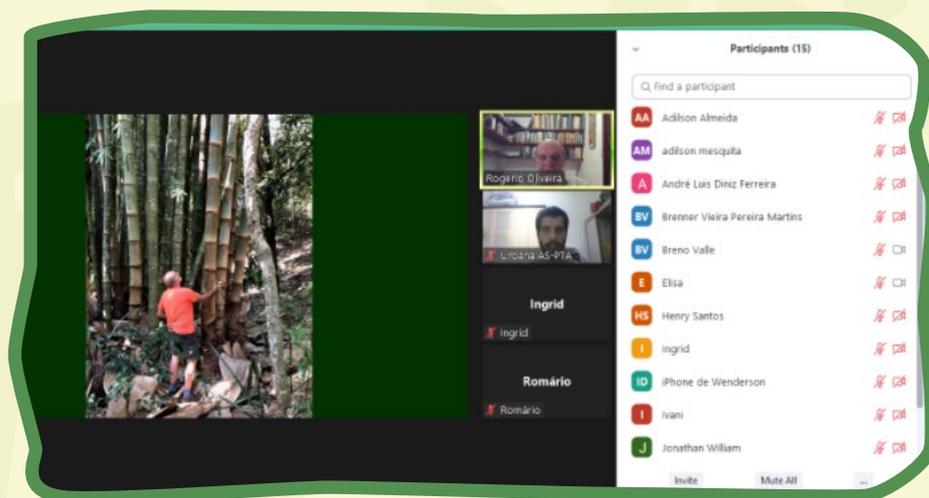
Aula presencial que ocorreu no Núcleo Pau da Fome do PEPB

serviços ambientais e culturais gerados pelas comunidades, por meio da soma de esforços, compatibilizando objetivos e ações conjuntas entre as comunidades quilombolas e a unidade de conservação do PEPB.

Uma das primeiras ações consiste na organização do **Curso de Condutores Ambientais**, que conta com a participação de 22 condutores locais que estão em processo de formação. Temas como organização de roteiros, histórias de ocupação do Maciço da Pedra Branca e suas trilhas e normas de segurança têm sido debatidos nas aulas.

A atividade tem como público principal as comunidades quilombolas que vivem no PEPB, e visam capacitar os participantes na condução em trilhas, incluindo os marcos culturais e históricos das comunidades.

Nesse último período, como atividade prática do curso, os alunos foram estimulados à criação de um roteiro que tivesse conexão com o território e suas histórias. De maneira geral, a observação sobre



Print da sala virtual do curso. Na ocasião, aula do professor Rogério Oliveira sobre carvoeiros e carvoarias do maciço

os roteiros envolveu a relevância e o respeito das comunidades quilombolas e agricultores do PEPB, levando em consideração a geração de renda e o bem estar das comunidades tradicionais que vivem no local.

Ivani Rosa e Jhonatan, do Núcleo Dinda Laura do Quilombo Cafundá Astrogilda, apresentaram um roteiro que envolve a visita a uma cachoeira pouco conhecida, porém muito frequentada pela família, e que fica próximo a sua casa. Para Ivani Rosa, esse tipo de atividade proporciona um apanhado de informações práticas e teóricas para a condução responsável dentro do PEPB: “Este curso fortalece as iniciativas



Ivani Rosa, do Núcleo Dinda Laura, do Quilombo Cafundá Astrogilda

“*Temos que ter cuidado com os moradores do parque, não podemos simplesmente bater na porta das comunidades e pedir que eles falem de suas histórias. Isto incomoda e desrespeita os modos de vida das comunidades tradicionais. Temos que respeitar. A cultura não é um objeto. A comunidade tem que ser perguntada e participar ativamente da definição desses roteiros e dessas visitas*”.

– André Diniz Ferreira

de empreendedorismo solidário e agrega as nossas trocas de experiência”. Os quilombos formam pessoas capacitadas a contar as histórias dos seus próprios lugares de origem.

Já André Diniz Ferreira, que é guarda-parque do INEA fez uma proposta incluindo a vertente do Pau da Fome em seu roteiro. Ele chamou atenção para o cuidado que é preciso ter com as comunidades tradicionais

agricultoras que moram lá, relatando práticas que não devem ser reproduzidas entre os novos condutores em formação.

“Temos que ter cuidado com os moradores do parque, não podemos simplesmente bater na porta das comunidades e pedir que eles falem de suas histórias. Isto incomoda e desrespeita os modos de vida das comunidades tradicionais. Temos que respeitar. A cultura não é um objeto. A comunidade tem

que ser perguntada e participar ativamente da definição desses roteiros e dessas visitas”, destacou André.

Através da troca de experiências, os participantes têm se apoiado com dicas e conhecimentos sobre a organização dos roteiros e trilhas. Elisa Facó que já atua conduzindo grupos de visitantes no entorno do Quilombo Cafundá Astrogilda, trocou experiências sobre como apresentar o roteiro, como são as formas de pagamento, dentre outras informações ligadas à forma econômica dos empreendimentos: “O curso está sendo riquíssimo de informações sobre a vivência do empreendedorismo. É importante que os alunos aprendam sobre as áreas de atendimento ao cliente, apresentação de roteiros e saber negociar as formas de pagamento”, destacou Elisa, que também é membro do empreendimento Mata Ativa.

Caminhada do Jequitibá e Identificação de Trilhas

Também como parte das iniciativas do Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo, e de apoio ao Turismo de Base Comunitária, realizamos uma caminhada para o



Trilha para chegada no Jequitibá



Trilha para chegada no Jequitibá

Jequitibá Centenário que fica na vertente do Rio da Prata, no bairro de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro.

“A atividade compõe um dos eixos de ação do projeto, que consiste em mapear e destacar as trilhas no Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) que tem relação com

as comunidades, fortalecendo o turismo de base comunitária de base quilombola. Isto, por meio de ações que contribuam com a geração de renda através de vínculos econômicos e solidários que reconhecem o papel dessas comunidades na preservação da biodiversidade do PEP”, destacou Ingrid Pena, coordenadora do projeto.

Neste dia, iniciamos a caminhada pelo Sítio Farol da Prata, um empreendimento local que oferece alimentação cheia de sabor, de afeto, local onde também acontece a Feira Orgânica do Rio da Prata. O percurso (ida e volta) levou cerca de 3 horas e meia.



Ingrid Pena, coordenadora geral do projeto



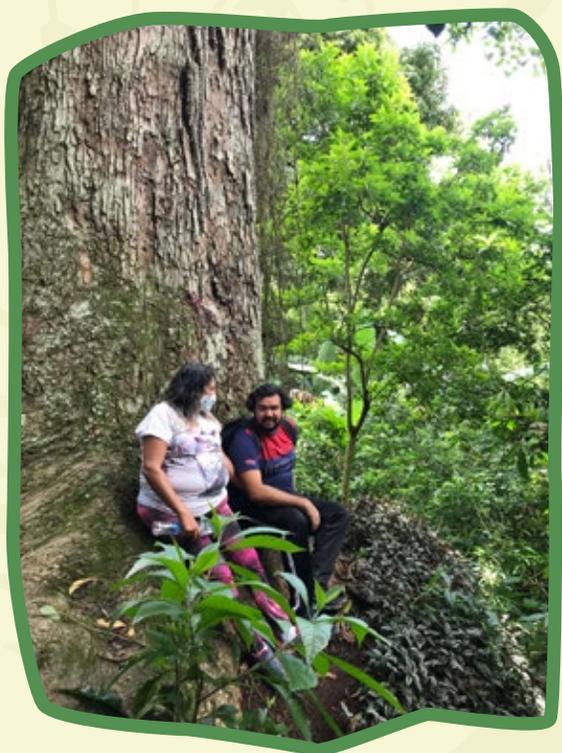
Trilha iniciou no Sítio Farol da Prata

As mulheres quilombolas do quilombo Dona Birlina falaram sobre aspectos históricos e culturais do quilombo e da formação social das famílias agricultoras daquela região.

O grupo foi composto por 30 pessoas, sendo a maioria estudantes do 2º e 3º ano do ensino médio do CIEP 165, localizado na Estrada do Lameirão, em Campo Grande. Subimos a trilha em alguns

grupos menores, respeitando o condicionamento físico de todas e todos para a atividade. Em todos os grupos menores estava presente um participante com mais experiência em condução de trilhas (conductor local ou guarda-parque).

Para Alice Franco, que é agente comunitária do nosso projeto e também anima-



Leonídia e Adriano Insfran em frente ao Jequitibá

“ Além de conhecer a tradição quilombola, as aprendizagens sobre o meio ambiente são únicas. Os alunos ganharam a oportunidade de passear pelo bioma da Mata Atlântica e conhecer uma de suas árvores mais antigas, o fabuloso Jequitibá.
– Alice Franco

dora cultural do CIEP, essa atividade permite que os estudantes do ensino básico se aproximem dos contextos históricos e culturais da comunidade quilombola: “Além de conhecer a tradição quilombola, as aprendizagens sobre o meio ambien-

te são únicas. Os alunos ganharam a oportunidade de passear pelo bioma da Mata Atlântica e conhecer uma de suas árvores mais antigas, o fabuloso



Estudantes do CIEP 165 estiveram na atividade

Jequitibá”. A aproximação dos saberes ambientais possibilita o reconhecimento dos pequenos produtores de alimentos da região.

Ao longo da caminhada, os guarda parques do PEPB abordaram sobre aspectos ligados ao patrimônio natural da região e normas de conduta segura. Além do aprendizado, foi um momento de descontração e lazer para os estudantes e outros participantes muito importante após um longo período de isolamento social por conta da pandemia.

Você sabia?

O Jequitibá Centenário virou personagem do gibi “As aventuras do Jovem Apoema no Futuro”, um material pedagógico criado pela associação quilombola Dona Bilina. No material, o Jovem Apoema viaja dentro do Jequitibá para ajudar na preservação da Floresta da Pedra Branca. Baixe o material e utilize em suas atividades pedagógicas.



Baixe aqui.



Educação ambiental e Práticas de conservação do solo



Através de um conjunto interdisciplinar de ações, nosso projeto tem atuado na formação e divulgação em conhecimentos ligados à conservação do solo do Parque Estadual da Pedra Branca e suas zonas de amortecimento. Na perspectiva agroecológica, um solo sadio é aquele que mantém preservada não somente as características bioquímicas, mas também as relações sociais das comunidades que moram, plantam e vivem nesse solo. De maneira transversal, temos desenvolvido oficinas e práticas de conservação ambiental que fortalecem as ações de preservação que as comunidades tradicionais e agricultoras desenvolvem na unidade de conservação do Parque Estadual da Pedra Branca e suas áreas de amortecimento.

Um passeio pelas comunidades quilombolas e agricultoras do Maciço da Pedra Branca basta para termos acesso aos diversos conhecimentos tradicionais dessas comunidades. São epistemologias que apontam caminhos para formas de preservação

humanamente mais justas e sustentáveis. Seus saberes e práticas socioculturais, além de tecnologias sociais próprias, têm garantido a manutenção dos serviços prestados pela floresta ao longo de séculos. Para consolidar essa perspectiva, nosso projeto prevê um conjunto de atividades que fortalecem as comunidades em seu papel de provedora e mantenedora desses serviços ambientais.

Em nosso projeto, temos reforçado essas práticas em ações que se propõe a valorizar ações já em curso. A atenção especial está no enriquecimento da diversidade de espécies nativas, arbóreas e arbustivas, assim como as plantas alimentícias não convencionais presentes em abundância na floresta e no entorno.

Confere alguns deles abaixo!

Oficinas de Educação em Solos

A oficina foi realizada em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda e ocorreu no Cantinho da Tati, espaço de interação que fica na comunidade quilombola Quilombo Cafundá Astrogilda. Coordenada por Cláudio Capeche, pesquisador da Embrapa





A atividade ocorreu no Quintal da Tati, no Quilombo Cafundá Astrogilda.

Solos e da Embrapa Escola, a atividade contemplou temas como tecnologias de manejo e conservação de solo, a importância da preservação da água e da biodiversidade da Floresta da Pedra Branca, as

formas de recuperação de áreas degradadas e materiais de pintura que tem o solo como matéria-prima.

A ação ocorreu em dois momentos, na primeira parte, o tema debatido foi Declividade do Solo e Controle da Erosão. Nessa ocasião, os pesquisadores e a comunidade conversaram sobre a declividade de um terreno/encosta, a marcação de curvas de nível e explicaram a sua importância para o controle da erosão.



Oficina de Declividade do Solo



Interação dos pesquisadores com a comunidade quilombola é premissa das ações

Também foi mostrada a relevância dos adubos verdes, tais como as leguminosas herbáceas, e foram distribuídas sementes de feijão de porco, mucuna preta e mucuna cinza, *crotalária juncea*, *crotalária spectábilis* e feijão guandu.

Na atividade, também foram entregues 100 mudas de capim vetiver, uma espécie de gramínea utilizada na conservação do solo e na recuperação de áreas degradadas. Em seguida realizamos uma atividade prática da determinação da declividade e marcação/locação de curvas de nível.

“A visita possibilitou conhecer um pouco da realidade ambiental e social do quilombo e das ações de educação que outras instituições parceiras já executam. Nosso objetivo é trabalhar com a comunidade adulta e infanto juvenil a temática da diversidade de solos e seus usos de forma sustentável. Por isso se priorizou conhecer e coletar os solos que ocorrem na área de abrangência do quilombo”, relatou Cláudio Capeche, responsável pela atividade.



Fabiano Baieiro, Adilson Júnior e Thiago Mendonça fazem a coleta de solo para pesquisa

A atividade tem articulação com outra ação desenvolvida pela Comissão de Pesquisa, também em parceria com a Embrapa Solos, e que tem foco na identificação de indicadores de sustentabilidade do solo, da biodiversidade em área de floresta e de cultivo agroecológico nas roças e quintais produtivos do quilombo.

Esta outra ação tem o apoio do pesquisador Fabiano Balieiro, e através dela, temos buscado sistematizar indicadores tais como sequestro de carbono pelo solo e vegetação, classes de solo e sua distribuição, infiltração e armazenamento de água no solo, dentre outros. No decurso do projeto, está prevista uma publicação com esses resultados.

Finalizando a oficina de *Declividade do Solo e Controle da erosão*, ocorreu a atividade de uso do solo para produção de tintas. Junto com Tati, Paulinho, Seu Jorge, Ana, Sebastião e Adilson Júnior, moradores da comunidade quilombola, conversamos sobre os tipos de solo que são úteis para a produção de tintas naturais.

Para Tati Mesquita, griô quilombola da região, a atividade integrou



Cláudio Capeche, do Programa Embrapa Escola, que coordenou a oficina



Tati Mesquita coloca em prática a utilização da tinta elaborada na oficina

o conhecimento científico com o contexto da sua comunidade: “Aprendemos a fazer tintas usando o material que vem do solo dos nossos quintais, podemos pintar nossas casas e fazer artesanatos com este produto”. Tati Mesquita afirma que foi um aprendizado para o quilombo e espera que seus vizinhos ponham em prática as técnicas ensinadas.

Também vimos materiais diversos que podemos utilizar para a pintura, tais como metal, plástico, madeira, isopor, papel e alvenaria e falamos sobre outros objetos artísticos que incluem o solo em sua confecção, como peças em papel machê e pau de chuva.

Também vimos materiais diversos que podemos utilizar para a pintura, tais como metal, plástico, madeira, isopor, papel e alvenaria e falamos sobre outros objetos artísticos que incluem o solo em sua confecção, como peças em papel machê e pau de chuva.

“*Aprendemos a fazer tintas usando o material que vem do solo dos nossos quintais, podemos pintar nossas casas e fazer artesanatos com este produto*”.

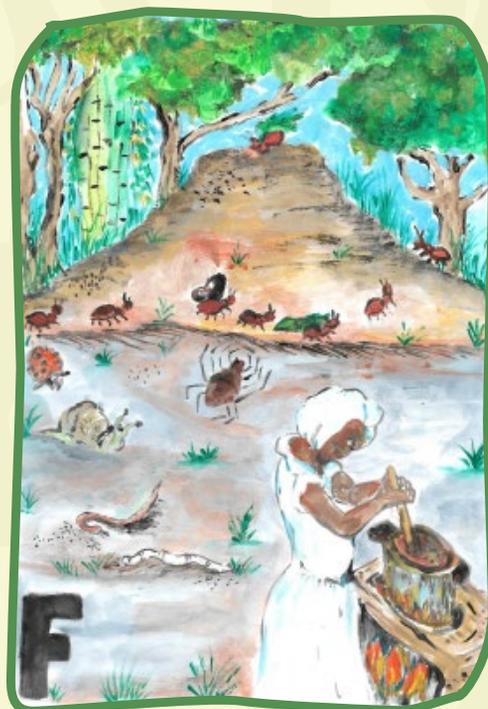
– Tati Mesquita

ABCdário

Outra atividade que está sendo desenvolvida na perspectiva de fortalecimento dos conhecimentos em torno do solo e da biodiversidade é a produção da Cartilha ABCdário. Voltada para o público de educação infantil das comunidades quilombolas, o material visa apoiar atividades de educação ambiental e combate ao racismo nas comunidades tradicionais e agricultores do Maciço da Pedra Branca.

A cartilha está sendo realizada também em parceria com a Embrapa Escola, conta com o apoio do Instituto Permalab e das educadoras populares das comunidades quilombolas que atuam conosco. Para Ana Coimbra, membro do Permalab, a atividade é importante pois o material pedagógico vai ficar como legado para os jovens das comunidades quilombolas: *“Elas irão estar de posse de um material lúdico que retoma as tradições de seus ancestrais, o material pode ser utilizado pelos(as) educadores ambientais locais e também com as famílias como um todo”*.

Ana destaca que o material foi elaborado com pá-



Verbetes e ilustrações buscam valorizar os conhecimentos comunitários



Caroline Santana coordena o Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias

Para Caroline Santana, coordenadora social e coordenadora da Comissão Pedagógica, o projeto procura sempre adaptar recursos e elaborar propostas lúdicas no trabalho com a juventude: “A construção de um ABCdário com a participação de educadores e pesquisadores tem como principais objetivos a valorização das pessoas, dos elementos naturais, culturais e sociais que compõem os territórios do PEPB”.

“ A construção de um ABCdário com a participação de educadores e pesquisadores tem como principais objetivos a valorização das pessoas, dos elementos naturais, culturais e sociais que compõem os territórios do PEPB”.

– Caroline Santana



Carmen Paixão é educadora quilombola e faz a ilustração do bcdário

As contribuições deste material estão associadas ao fortalecimento dos educadores populares locais como sujeitos de produção a partir da comunicação de suas realidades culturais.

Com o objetivo de priorizar a participação comunitária no contexto das nossas ações, a ilustração da cartilha está sendo feita

pela artista e educadora quilombola do Quilombo Dona Bilina, Carmen Paixão.

Para ela, as crianças do quilombo encontram no caminho da escola uma diversidade enorme de elementos: “São árvores, rochas, animais, rios e tantas outras preciosidades da natureza que precisam ser pensadas e valorizadas no nosso cotidiano. Foi pensando nisso que elaboramos a cartilha com nomes e ilustrações que auxiliam o aprendizado das crianças”.

Carmen Paixão afirma que é fundamental a aproximação das infâncias com os elementos naturais, o ABCdário instiga justamente essa curiosidade para criar uma relação afetiva com a natureza.



Agroecologia e fortalecimento da comercialização da agricultura urbana no RJ



Na cidade do Rio de Janeiro, a agroecologia se diversifica e cresce cada dia mais. Seja pela partilha dos conhecimentos tradicionais em torno de cuidados coletivos de ervas e plantas medicinais, seja na produção e distribuição de alimentos agroecológicos pelas diversas feiras e espaços de mercado. É nesta conexão entre produção e consumo, distribuição e abastecimento alimentar que temos atuado através da Comissão Agriculturas, Saúde e Mercados.

Reunião Periódica com as feiras da Rede Carioca de Agricultura Urbana

A reunião ocorreu no último dia 09 de fevereiro por plataforma online. A atividade reuniu lideranças da Feira Orgânica de Olaria, Feira da Roça de Vargem Grande, Feira Agroecológica na UERJ (FAU), Feira Agroecológica da Freguesia, Feira Agroecológica da UFRJ assim como representante da Associação de Agricultores Biológicos do Rio de Janeiro (ABIO) e da organização comunitária Verdejar Socioambiental.



Feira da Roça de Vargem Grande é um importante espaço de mercado, alimentação saudável e cultura

Dentre os temas debatidos estavam os repasses do cotidiano das feiras e as melhores formas de apoio do Projeto Sertão Carioca e da Campanha Produtos da Gente (PDG).

Uma das demandas da reunião foi repensar as formas de comercialização para além do espaço da feira presencial, já que muitos feirantes não possuem fácil acesso à internet para realizar as vendas online. O senso coletivo de cooperação e assistência técnica permitiu a troca de informações, e o apoio mútuo, no intuito de fortalecer as vendas daqueles que ainda não estão utilizando sistemas de entrega em casa.

Outra demanda das feiras é a reforma de barracas antigas e danificadas. O Projeto Sertão Carioca debateu a melhoria das barracas da feira da Roça. O apoio pode auxiliar na apresentação e venda dos produtos orgânicos. Também estamos incrementando a diversidade de 66 unidades produtivas incluídas pelo Projeto através de fornecimento de mudas e sementes, que irá contribuir para o abastecimento das feiras agroecológicas da cidade do Rio de Janeiro.

Outro assunto debatido foi a parceria da Campanha Produtos da Gente (PDG) com a disciplina Educação, Saúde e Ambiente (ESA) do Curso de Gastronomia da UFRJ . Este diálogo gera um engajamento nas redes sociais da campanha e agrega na formação dos alunos. Os estudantes são convidados a entrevistar os feirantes e geram postagens para a divulgação da campanha. As feiras de Campo Grande, Vargem Grande, Olaria e Freguesia foram as escolhidas neste período para participar das atividades.

A reunião periódica de acompanhamento com os representantes das feiras fortalece os laços entre os produtores locais e as instituições de apoio. As lideranças combinaram o prosseguimento do apoio do projeto em uma próxima reunião que ocorrerá ainda no mês de fevereiro. O processo de rastreabilidade, apoio com materiais e divulgação das feiras faz parte dos objetivos do projeto.

Produtos de comunicação e apoio à comercialização - Campanha Produtos da Gente



Ao longo do nosso projeto, temos realizado materiais de comunicação que visam apoiar a comercialização da agricultura urbana e agroecológica da cidade e fortalecer os espaços de mercado da agroecologia no Rio de Janeiro. As ações são parte do eixo



Sumaya e Fátima, feirantes da Feira Agroecológica da Freguesia, que faz parte do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas.

socioeconômico do projeto, e ocorrem por meio da Campanha de comunicação popular Produtos da Gente.

Neste último período produzimos 800 folders junto com a Feira Agroecológica da Freguesia. No material, falamos sobre as pessoas, os produtos e os processos que envolvem o alimento agroecológico.

neste período, estamos fazendo o folder de comercialização da Feira da Roça.

Para Mariana Portilho, coordenadora de comunicação da campanha, “O processo de produção do folder é tão importante quanto o produto finalizado. Para desenvolver o material, dialogamos com os e as feirantes, procurando saber quais são os pontos que devem ser destacados sobre seu trabalho. Nesse processo, conversamos sobre os principais desafios das feiras, e pensamos juntos em soluções para ampliar a divulgação e o co-



Rudson Amorim e Geovana analisam o material na Feira da Roça de Vargem Grande



Sacolas retornáveis foram produzidas para apoiar os sistemas de comercialização das feiras

Usando um recurso de educação popular, a estampa foi feita em facilitação gráfica por Bianca Santana, e visa difundir a ideia da agroecologia como sistema sustentável demonstrando que as etapas de produção, consumo, circulação e descarte estão interligadas.

nhecimento da população sobre esse importante espaço de mercado”.

Também compartilhamos com as associações de feiras bolsas ecológicas e retornáveis para apoiar os sistemas de entregas de alimentos realizados no formato delivery. As sacolas foram entregues aos representantes das feiras agroecológicas e orgânicas da agricultura familiar.



Facilitação gráfica foi feita por Bianca Santana

Oficina de Plantas Medicinais e Remédios Caseiros

A oficina aconteceu na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina. Foi realizada pela Comissão Agricultura, Saúde e Mercados e teve a parceria da Rede Fitovida.

Estavam presentes agentes de formação da Rede Fitovida, integrantes do Quilombo Dona Bilina, a equipe da AS-PTA e moradores do quilombo.

A proposta foi visitar e conversar com um erveiro e uma rezadeira tradicionais da região, coletar plantas durante as visitas e no retorno, a produção de xarope e xampu.



Márcia e Sônia da Rede Fitovida conduziram a atividade junto com as griôs do Quilombo Dona Bilina



Ervas e plantas medicinais disponíveis na Horta Comunitária

Visitamos o quintal de Seu Quincas, erveiro que sabe tudo de plantas, e o sítio de Dona Júlia, uma rezadeira tradicional da região do Rio da Prata, em Campo Grande, onde fica o Quilombo.

Na parte da tarde uma dinâmica conduzida por Marcia e Sonia Ferreira Martins.

Todas contaram sobre o que sabiam acerca das plantas. Cada receita foi elaborada a partir das plantas disponíveis no dia, e uma grande lista de indicações foi construída e será devolvida em breve à comunidade. Também aprendemos a manusear os potes de vidro e as panelas para produção dos itens.

Além disso, conversamos sobre como o conhecimento das ervas e suas propriedades foram se perdendo ao longo das últimas décadas. O uso das plantas medicinais acompanha a história da humanidade e do cuidado e é um bem imaterial das populações.

Renata Souto, assessora agrícola que coordenou a atividade, destacou que *“Saberes e práticas de saúde coletiva preservam os modos de fazer das comunidades, promovem interação e troca de expe-*



Renata Souto conduziu a atividade junto com a Rede Fitovida



Também aprendemos a manusear os potes de vidro e as panelas para produção dos itens_



Troca de afetos e conhecimentos entre as mulheres do Rio da Prata

riências entre gerações e visibilizam o conhecimento tradicional. Além de cuidarem de problemas de saúde de forma a quebrar padrões que têm como base as grandes indústrias de medicamentos”.

Após o retorno das visitas, foram reunidas as plantas coletadas nos quintais e na horta comunitária do Quilombo Dona Bilina.

Houve a preparação de xampu e também do xarope com matéria prima simples e acessível. Os preparos foram embalados e distribuídos entre os participantes. Foram entregues também um vidrinho de óleo para automassagem nos pés, feito previamente com oleato de plantas e com óleo essencial para cada participante como presente de autocuidado.

Esta receita será desenvolvida nos encontros mensais na Horta do Quilombo Dona Bilina a fim de incentivar

“ Meus pais sempre tiveram o costume de fazer chás e garrafadas com estas plantas para tratar doenças. Hoje, nós temos poucos herdeiros que conhecem estas ervas. A cura para a saúde está em nossos quintais”.

– Leonídia



Leonidia Insfran é também educadora quilombola na comunidade

não só o cuidado comunitário mas o autocuidado simples e efetivo.

Para Leonidia, liderança do Quilombo Dona Bilina, as ações voltadas para o cultivo e coleta das plantas medicinais permitem a produção de xaropes e

extratos e têm a função de resgatar uma tradição: “Meus pais sempre tiveram o costume de fazer chás e garrafadas com estas plantas para tratar doenças. Hoje, nós temos poucos herdeiros que conhecem estas ervas. A cura para a saúde está em nossos quintais”

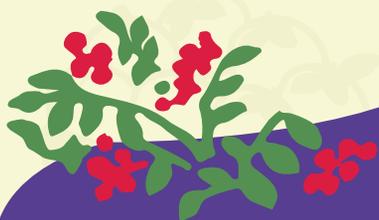
Caderno Plantas Medicinais e Remédios Caseiros

Construído a partir de um levantamento simples e amoroso, em rodas de conversa e oficinas, o caderno tem o objetivo de apoiar a continuidade e o reconhecimento público do uso e manejo das plantas medicinais adotadas pelas agricultoras, raizeiras, benzedeadas e lideranças do Maciço da Pedra Branca e seu entorno, e de outros territórios de resistência da cidade do Rio de Janeiro.



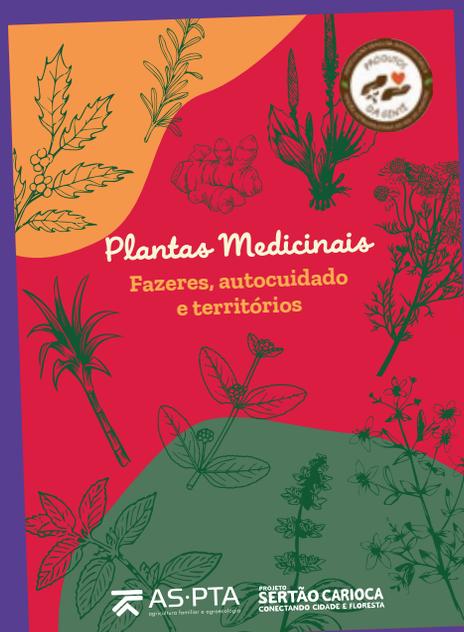
Oficina ocorreu na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina

Nosso exercício de visibilização destas práticas de saúde integral passou pela valorização da convivência com a natureza, da solidariedade e da reciprocidade, e estimulou intercâmbios, encontros e o olhar cuidadoso com as necessidades locais, valores estes que orientam a agroecologia e a educação popular.



Conheça neste caderno modos de fazer de mulheres atentas ao cuidado coletivo. Anote também sua receita, um jeito de fazer da sua avó, da sua vizinha... escreva, desenhe, ame!!

Baixe aqui.





A **Folha Informativa** é um material de comunicação institucional e bimestral do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta. O objetivo é compartilhar o contexto geral do projeto, garantir o acompanhamento das ações e contribuir para a apropriação e desenvolvimento de uma cultura de controle social e transparência sobre iniciativas de projetos patrocinados.

Coordenação Editorial

Bruna Távora, Murilo Holanda, Mariana Portilho e Ingrid Pena

Produção de Conteúdo

Equipe do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA

Diagramação

Pedro Biz

Clique e acesse as edições anteriores:

[Boletim 1](#)

[Boletim 2](#)

[Boletim 3](#)

[Boletim 4](#)

[Boletim 5](#)

[Boletim 6](#)

[Boletim 7](#)

[Boletim 8](#)



**PROJETO
SERTÃO
CARIOCA**
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta é realizado pela AS-PTA em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda Ferreira, Quilombo do Camorim e Quilombo Dona Bilina. Tem o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

**Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA
que executa o projeto**

**Lideranças Territoriais
e Agentes Comunitários**

Sandro Santos e Maria Lúcia
Mesquita, Alice Franco e Rosilane
de Almeida.

**Coordenador Geral do
Programa de Agricultura
Urbana e Supervisor
Metodológico do projeto**

Márcio Mendonça

Coordenadora geral do Projeto

Ingrid Pena

Coordenadora Social

Caroline Santana

Assessoras Agrícolas

Renata Souto e Letícia Ribeiro

Assessoras de Comunicação

Bruna Távora e Mariana Portilho

**Assistente financeiro
e de tesouraria**

Camilla Lima e Bárbara Batista

Estagiários

Murilo Marques, Marina Pellegrini,
Geovana de Melo, Michel
Cole, Adilson Júnior, Caroline
Rodrigues e Rudson Amorim

Para saber mais:

www.aspta.org.br

<http://projetosertaocarioca.wordpress.com>

Instagram: @agroecologiaaspta

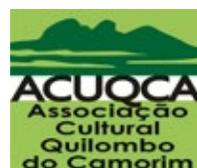
Facebook :asptaagroecologia

E-mail: comunicasertao@aspta.org.br

REALIZAÇÃO



PARCERIA



PATROCÍNIO

